

APRENDENDO A SER PROFESSOR:

MEMÓRIAS DE FORMAÇÃO

DR. MARCUS AURÉLIO TABORDA DE OLIVEIRA

Professor Titular do Departamento de Ciências Aplicadas à Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Resumo | O texto é um fragmento de um memorial acadêmico sobre a minha trajetória. Nele destaco apenas uma das suas dimensões, a formação inicial como professor de Educação Física. Considerando o binômio corpo-trabalho, observo como o campo acadêmico frequentemente ignora manifestações corporais que vão além da exercitação física-esportiva. Aquelas manifestações, que já caracterizei como *corporalidade*, ganharam ainda maior densidade a partir de uma experiência de estágio não supervisionado em uma instituição de educação social, aqui relatada. A prática me fez compreender a polissemia e a ambivalência dos corpos como vetor de formação, muitas vezes reafirmando a *vida danificada*. Aquele tipo de oportunidade, e outras que vieram depois, permitiram que eu desenvolvesse apreço pela ideia de tornar-me professor.

Palavras-chave | memórias da formação; práticas de ensino; corporalidade

LEARNING TO BE TEACHER: FORMATION MEMORIES

Abstract | The text is a fragment of an academic memorial about my career. I highlight only one of its dimensions, the initial formation as teacher of Physical Education. Considering the body-work binomial, I observe how the academic field often ignores bodily manifestations that go beyond physical-sports exercise. Those manifestations, which I have already characterized as *corporality*, gained even greater density from an unsupervised trainee experience in a social education institution reported here. The practice made me understand the polysemy and ambivalence of bodies as a formation vector, often reaffirming the *damaged life*. That kind of opportunity, and others that came later, allowed me to develop appreciation for the idea of becoming a teacher.

Key-words | memories of formation; teaching practices; corporality

APRENDIENDO A SER MAESTRO: MEMORIAS DE FORMACIÓN

Resumen | El texto es el fragmento de un memorial académico sobre mi carrera. Destaco solo una de sus dimensiones, la formación inicial como docente de Educación Física. Considerando el binomio cuerpo-trabajo, observo cómo el campo académico a menudo ignora las manifestaciones corporales que van más allá del ejercicio físico-deportivo. Esas manifestaciones, que ya he caracterizado como *corporalidad*, ganaron una densidad aún mayor a partir de una pasantía de aprendiz no supervisada en una institución de educación social. La práctica me hizo entender la polisemia y la ambivalencia de los cuerpos como un vector de formación, reafirmando a la *vida dañada*. Ese tipo de oportunidad, y otras que vinieron después, me permitieron desarrollar aprecio por la idea de convertirme en maestro.

Palabras clave | memorias de formación; prácticas de enseñanza; corporalidad

INTRODUÇÃO

Ao dedicar-me à escrita do memorial exigido para o meu concurso para professor titular na Universidade Federal de Minas Gerais, ficou mais uma vez evidente para mim que me tornei professor de Educação Física por acaso. Em termos históricos eu diria que por contingência. Mas a feitura daquele memorial me mostrou, por outro lado, a força do corpo e das suas manifestações – da corporalidade – no meu processo de formação geral. E as marcas corporais que produziram a minha memória vão muito além da formalidade acadêmica enfeixada em uma disciplina ou área específica, chamada Educação Física. Afetaram-me em cheio a ponto de moldarem a minha maneira de pensar sobre a educação dos corpos, seja na sua dimensão formal/institucional, seja a partir das experiências não previstas que nos formam.

Desde as relações familiares e de amizade, a vida na rua, as experiências escolares, passando por todo tipo de experiência de trabalho, no memorial explorei como o binômio corpo-trabalho esteve no centro do meu processo de formação sem, contudo, definir uma “vontade” (inexistente) de ser professor.¹

1. Intitulado *Corpo, trabalho, formação: um memorial*. Foi defendido em novembro de 2018, na Faculdade de Educação da UFMG.

Nas páginas que seguem me valho de um recorte daquele memorial para refletir como me tornei professor, e professor de educação física, destacando a minha experiência como estudante universitário, pois tratou-se de uma experiência de completo estranhamento, na qual o estágio acabou por definir o meu caminho como professor. Oriundo de família pobre, trabalhando desde muito cedo, estudar e chegar ao ensino superior eram condição de “libertação”. Mas tornar-me professor de educação física foi um acidente, movido certamente por ingênua crença que existe algo de imaculado na natureza que preside nossos corpos e as suas manifestações. Ideário ainda renitente na profusão de discursos que aliam a educação física à natureza como expressão de uma vida melhor ou mais legítima. A ambivalência da minha trajetória de formação me fez tentar desmascarar todo discurso apaziguador sobre o corpo e a sua educação, mas também me mostrou que a nossa pretensão de sermos mais intelecto do que corpo é uma outra face de um mesmo processo de idealização que cinde o humano.

O ENSINO SUPERIOR COMO HORIZONTE DE UM ADOLESCENTE TRABALHADOR

Em 1981, ao final do 2º. Grau, que para nada me serviu, a aproximação do vestibular produziu em mim um momento de grande agitação e de alguma angústia. Eu queria fazer Jornalismo, mas não me considerava capaz de passar em um processo seletivo tão concorrido. Além do baixo número de vagas ofertadas, as notas dos candidatos costumavam ser altas, e eu era um aluno apenas medíocre. Considerei, então, fazer Biologia, mas lembrava que gostava mesmo da Zoologia e não havia me acertado com outros ramos daquela ciência. Não pensava em outras possibilidades. Diante do impasse, e me sentindo com melhores condições de aprovação, decidi fazer o vestibular para Educação Física, que àquela altura ainda tinha a prova específica de desempenho, ou a “prévia”. Isso implicava algumas consequências. Primeiro, como eu não era atleta e julgava o meu desempenho atlético limitado, passei a “treinar” nas dependências do

Colégio para as provas da UFPR. Para mim era um tipo de “matemática básica” esportiva. Outra consequência era que o curso de Educação Física era um dos poucos que não permitia uma segunda opção no ato de inscrição. Ou seja, ou eu passava em Educação Física, ou só teria outra oportunidade no ano seguinte. Não considerava fazer outra universidade por uma questão simples: os custos. Teria que passar na *Federal*.

Quando pensava na Educação Física imediatamente vislumbrava duas possibilidades profissionais: ser técnico de futebol ou trabalhar com acampamentos, excursões e outras atividades que eu praticava e conhecia bem, as atividades na *natureza*. Nunca imaginei que seria professor, nem escolar e, menos ainda, do ensino superior.

O treinamento para a prova prévia chegava a ser constrangedor. As atividades eram realizadas sob a supervisão de professores do Colégio, e reuniam muitos alunos interessados no mesmo curso, a maioria deles atleta ou com bom desempenho atlético. Eu tinha dificuldades imensas para realizar exercícios em barras paralelas ou assimétricas, tinha desempenho pífio em corridas, saltos etc., e contava apenas com alguma habilidade em atividades com bola. Embora eu tivesse o hábito de correr nas ruas, não o fazia premido por nenhum tipo de desempenho desejável. Apenas corria, pois a atividade me dava prazer, tanto quanto jogar bola, ou seja, o futebol com os amigos. Ali, naquelas aulas de preparação, corria-se contra o cronômetro, para emular os mais resistentes ou velozes, sempre com algum tipo de métrica. Constantemente os simpáticos professores me alertavam que era preciso melhorar, porque a prova prática da *Federal* era difícil. Comecei a pensar que não passaria na tal prévia, até porque havia uma prova especial, de natação. E eu nunca soube nadar. A não aprovação representaria, portanto, um ano “perdido”, pois não havia uma segunda opção. Na época da realização da prova prévia eu tinha 16 anos. Isso porque ela ocorria na metade do segundo semestre e eu cumpriria 17 anos em dezembro. As demais provas, em caso de aprovação naquela fase, ocorriam em janeiro.

A experiência com o vestibular produziu as sensações mais ambivalentes que eu provavelmente havia sentido até ali. Ainda nos treinos

preparatórios passei por duas situações vexatórias, as quais ajudaram a moldar uma compreensão crítica em relação às retóricas salvacionistas que alardeavam as alegrias e o bem-estar que as atividades corporais presumivelmente proporcionam. Na primeira delas, enquanto eu tentava me equilibrar sobre uma trave de ginástica, escorreguei e caí de pernas abertas sobre a mesma. Nem lembro se senti dor, pois certamente a vergonha pelo ato e pela exposição doeram mais do que qualquer possível desconforto corporal. O riso dos colegas naquele ginásio cheio, uma professora brava porque eu poderia me machucar, outro professor, sem cerimônias, perguntando se eu queria, mesmo, fazer Educação Física... Algumas semanas depois, dessa feita treinando para as provas de corrida com barreira, tropecei em uma das primeiras barreiras e bati com a boca em outra. Não perdi nenhum dente, apesar do sangue intenso que vertia, deixando o meu uniforme branco como o avental de um açougueiro.

Mas tive algum tipo de redenção daqueles vexames nos dias das provas realizadas no Centro Politécnico da UFPR. Para meu alívio, a prévia era menos dura do que faziam crer os professores do Colégio. E não havia qualquer tipo de competição entre os participantes, muitos deles mais assustados do que eu. Na verdade, precisávamos realizar certas tarefas corporais/atléticas, independentemente de qualquer padrão esportivo rígido. Não sofri acidentes, tive desempenho regular e fui para o segundo dia de provas. Tratava-se, então, da prova de natação, na piscina do Centro de Educação Física e Desportos da UFPR. O meu problema, como no caso de alguns *reclamões*, não era de conforto, uma vez que a piscina era aberta, não aquecida, e estávamos no final do inverno curitibano. Para mim e para outros participantes tudo era mais prosaico: eu simplesmente não sabia o que fazer na água, pois não sabia nadar e a piscina não era rasa. A espera, na fila, aguardando a chamada do meu nome, parece ter durado meses, tal a minha apreensão. Eu tremia de frio e angústia. Pensava em voltar atrás... Até que fui chamado. O ritual era aproximar-se da borda lateral da piscina e atravessá-la incontinenti. Os demais candidatos normalmente chegavam ali, mergulhavam e nadavam até o outro lado sem qualquer problema. Parecia fácil! Eu paralisei na

borda da piscina e fiquei uma eternidade, ali, olhando para a água, pois não tinha coragem de olhar para os lados. A professora que conduzia a prova me instou várias vezes a mergulhar. Diante da minha não reação, bradou: “Ou você entra na água e atravessa essa piscina, ou deverá abandonar a prova”! A segunda opção significaria a eliminação do concurso, pois todas as provas eram de realização obrigatória, eram eliminatórias. Atento ao chamado para entrar na água, num átimo perguntei à professora qual era a profundidade da piscina. Não lembro bem se a resposta foi 1,80m ou 1,90m. Mas pulei em pé na água, próximo à borda, até sentir que tocava o piso da piscina. Seguro de que “dava pé”, fui saltitando até o outro lado. Meu cálculo era simples: como eu tinha 1,90 de altura, desde que eu não escorregasse, não teria como me afogar. Ao chegar ao outro lado, o professor que estava à beira da piscina veio até a borda e gritou: “O que você está fazendo, garoto”? Eu respondi que a professora exigira que eu entrasse na água e atravessasse a piscina, sem definir como isso deveria ser feito. Ele simplesmente respondeu: “Saia daqui”! Fui aprovado!

Contei muitas vezes ao longo da minha vida essa história, hoje com algum humor. O professor, durante o curso, lembrava com sabor o ocorrido. Mas ela significou um cartão de visitas bastante contundente do que eu encontraria no curso de Licenciatura em Educação Física. Fosse pelo perfil do curso, marcadamente desportivo, fosse por adentrar em um mundo no qual pouco me reconhecia. A minha ideia de que Educação Física teria a ver com as atividades junto à natureza, rapidamente mostrou-se ingênua. A maioria das atividades/disciplinas ali cursadas pouco me interessavam. Por mais que alguns professores se esforçassem para dizer que tinham uma preocupação pedagógica com o esporte, tratado como meio privilegiado de educação do corpo na escola, aprendíamos, mesmo, as práticas esportivas *stricto sensu*. A prática do esporte talvez representasse dois terços do curso, se não mais; longe, ainda, da renovação que afetaria a área a partir de 1987, o restante das atividades era marcadamente ligado ao domínio biológico (o curso funcionava no Setor de Ciências Biológicas). Apenas uma das disciplinas me interessou muito, a Cinesiologia. Isso porque o professor que a ministrava fazia toda sorte

de experiência neuro-corporal conosco: meditação, regressão, técnicas de relaxamento, de respiração etc. Eu já me sentia suficientemente informado para duvidar que o corpo era uma simples máquina de repetição. Fui rapidamente aprendendo que os corpos são muitos, tanto quanto as formas possíveis de tratá-los, educá-los. Mas o corpo que me interessava parecia marginal naquele universo de atividades esportivas, desempenhos, técnicas, métricas. A exceção estava em algumas disciplinas realizadas no Setor de Educação. Não sei bem o porquê, mas me interessavam mais as discussões feitas nas disciplinas de Estrutura e Funcionamento do Ensino, Psicologia da Educação, Métodos e Técnicas de Pesquisa, Estudos de Problemas Brasileiros, essa uma invenção dos militares. Na grade ligada às atividades físico-esportivas, eu gostava das aulas de Metodologia de Ensino da Educação Física, nas quais estudávamos basicamente a história dos chamados métodos ginásticos. Com muito afincamento me dediquei à Prática de Ensino, pois descobri um mundo muito enriquecedor na ambiência das escolas públicas onde estagiei.

Ainda na universidade, a relação com os colegas de turma produziu algumas grandes amizades, mas normalmente se limitava a uma convivência cordial. Como o esporte era o centro das atividades, no curso eu pouco participava daquilo que não dizia respeito às aulas. Além disso, antes mesmo de começar o primeiro semestre de aulas eu já estava novamente trabalhando, após um interregno de seis meses de preparação para o vestibular. Certamente eu privilegiava o trabalho em relação às atividades acadêmicas. Hoje, exulto por ter feito essa opção, premido pela necessidade. Uma das razões da minha indiferença em relação a muitos colegas de faculdade talvez se deva a um episódio ocorrido no primeiro dia de aula, quando nos apresentamos, em março de 1982. Eu tinha muita acne e muitas espinhas que me causavam transtorno desde o final do Primeiro Grau. Não gostava daquilo, achava feio e tinha nojo. Ao me encontrar pela primeira vez entre tantos outros colegas, um sujeito que era bem mais velho me olhou e falou de maneira quase histérica: “Porra, esse aqui parece o Frankenstein! Tudo bem, Frank?”. O apelido “pegou” a ponto de poucas pessoas na Faculdade saberem, então, o meu nome

e sobrenome. Muitos, até recentemente, pensavam que um dos dois era Frank. E mesmo aqueles com quem desenvolvi relações mais próximas, apenas muito tardiamente passaram a me chamar pelo nome.

Se o curso de graduação não me conquistou, não posso dizer o mesmo da universidade. Na UFPR passei a acompanhar o Festival da Canção Universitária – FIC, as atividades do Centro Acadêmico de Educação Física e do DCE, congressos regionais, e cheguei a participar do 36º. Congresso da UNE, no Maracanãzinho, em 1984. Alguns professores da universidade das áreas de Filosofia e Economia estavam entre os fundadores locais do PT e promoviam discussões que eu acompanhava bastante interessado. Além disso, um dos meus colegas de turma era militante do PT e constantemente me convidava para o partido. Dois outros colegas eram filiados aos partidos comunistas, PCdoB e PCB. Foi ao PCB que eu me filiei em 1985, passando a fazer parte da Juventude Comunista do Paraná. Segui, no Partido, uma trajetória de militância que se iniciara no movimento ecológico, ainda no final da década de 1970. A militância no Partido durou até a sua extinção, em 1992, obra de Roberto Freire e outros oportunistas. Naqueles anos – trabalhando, militando e cantando no Coral de Curitiba, onde atuei no naipe de baixos – o curso universitário era algo que eu queria apenas concluir, pois não me empolgava. Aliás, eu estava acostumado a ler e me chamava a atenção que naquele curso só precisássemos de alguns poucos livros técnicos, muitos com figurinhas, fotos e desenhos.

Ainda pela universidade tomei contato com ações que estavam voltadas para a integração latino-americana. Eram festivais culturais, concertos musicais, reuniões de coletivos de apoio aos povos submetidos a todo tipo de dominação, a começar pela mais evidente, as ditaduras militares. No plano poético-musical passaram a fazer parte do meu rol de preferências artistas como Silvio Rodriguez, Mercedes Sosa, Ernesto Cardenal, Gabriel Garcia Marquez, Pablo Milanés, Mario Vargas Llosa, Tarankón, Raices de América, Inti-Illimani, Victor Jara, Ruben Darío, Eduardo Galeano, que se ajuntavam à minha paixão por Neruda, de quem já havia lido, também, *Confesso que vivi*. Amadurecia uma percepção da

dominação como fruto de processos históricos, e não como uma condição. O desenvolvimento de um senso anti-imperialista converteu-se, como era comum então, em um sentimento anti Estados Unidos, que se atenuou com o tempo, mas nunca foi superado. Se a universidade foi importante na minha formação geral, fora do curso de Educação Física, foi pelo trabalho que eu me tornei professor.

CORPOS DANIFICADOS: APRENDENDO A SER PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Se o mundo do trabalho não me era estranho, a novidade a partir de 1982 foi o começo da minha atuação como professor. Uma das poucas boas experiências do meu curso de graduação foram os estágios, fossem os regulamentares ou os espontâneos. Nas Práticas de Ensino que desenvolvi durante o curso, pela primeira vez atuei como “professor” em escolas públicas, o que me entusiasmou bastante. Nenhum dos professores que eu tive acompanhava os estágios, o que me permitiu trabalhar com muita autonomia em consonância com os projetos de cada escola onde atuei. Eu preferia aquela liberdade que me gerava alguma insegurança, pois tudo era novo para mim, àquele esquema burocrático *planos de aula/cumprimento de metas/“metodologização” da vida*. Dessa forma, aprendi muito e pude experimentar os limites que o modelo esportivo de aulas de Educação Física representava para a formação, embora não tivesse condições de ir muito além dele. Outras experiências importantes foram a participação no Centro Rural Universitário de Ação Comunitária – CRUTAC, e no Projeto Rondon. No primeiro, atuava “ensinando” como professoras do interior do Estado do Paraná, normalmente em zonas rurais, deveriam dar aulas de Educação Física, uma vez que não tinham formação para isso. Em relação ao Projeto Rondon, participei do Campus Avançado da UFPR em Imperatriz do Maranhão, uma vivência sob todos os pontos de vista muito enriquecedora.

Estagiei, ainda, por iniciativa própria, no SESC e no Instituto de Assistência ao Menor – IAM, em diferentes unidades. No SESC atuava

como monitor de atividades esportivas, o que não me empolgava, embora a remuneração fosse interessante. No IAM, que funcionava de acordo com a política da FUNABEM, tive um verdadeiro curso sobre a vida danificada. Atuei, ali, em diferentes unidades: a Guarda Mirim, o Lar Hermínia Lupion, para meninas, e na unidade de Campo Comprido, para menores infratores em regime de internato, todos homens. Basicamente eu deveria desenvolver atividades esportivas, mas as peculiaridades daquele ambiente, estranho para quem evocava constantemente a liberdade, me levaram a todo tipo de experimentação. Muitos daqueles alunos e alunas, além da situação de extrema pobreza, e muitas vezes, do abandono, demonstravam um desprezo total por eles mesmos e pelos companheiros, o que explodia nos seus corpos. Agressividade, violência, rituais os mais variados, ócio, demarcavam a sua experiência naquele ambiente que se pensava “educativo”. Na unidade de Campo Comprido, em especial, tive experiências marcantes. Em uma delas, quando chegava ao trabalho na tarde de um sábado junto com um colega, flagramos um aluno sendo surrado pelo então diretor da unidade, que funcionava com uma rígida estrutura militar, embora não o fosse. Aquele aluno, de quem omito o nome, jogava no time de futebol que eu coordenava e era um ano mais velho que eu. Apesar de mais velho que a maioria dos colegas, era tranquilo, afável, muito tímido, mas descontraído. Adorava o futebol de salão e passava horas me contando sobre os seus projetos para quando saísse dali, pois sonhava ser jogador. Motivo não lhe faltava, pois era, de fato, excepcional na prática esportiva.

Aquelas conversas muitas vezes foram recriminadas por algum dos diretores e/ou funcionários, que atuavam como uma corporação que eu considerava mafiosa: agrediam e expunham os alunos, fomentavam a discórdia entre eles, exigiam favores pessoais como lavar roupas, engraxar sapatos ou lavar carros. Mais de uma vez fui advertido a não “dar trela” aos alunos, pois alguns deles eram “perigosos e traiçoeiros”. Também não devia me meter com as regras do lugar. Nunca senti medo de trabalhar ali, e nunca me senti traído por qualquer um deles, mesmo aqueles que eram evidentemente mais agressivos, com os quais às vezes precisava exercer uma autoridade que eu não sabia de onde vinha. A convivência

que tínhamos com aqueles alunos oscilava de uma indiferença respeitosa a uma ligação fraternal.

Tendo flagrado a surra, pois haviam deixado uma porta aberta, decidi conversar com o diretor, com quem considerava ter uma boa relação. Ele me recebeu de maneira tranquila e disse que aquele fora um episódio esporádico. Dera-se porque o aluno havia tentado agredir um funcionário. Como se tratava de um aluno mais velho, “muito forte e perigoso”, a única alternativa que teria restado ao “comando” fora puni-lo exemplarmente, pois os outros castigos não surtiam mais efeitos com ele. Mais de uma vez reiterou que aquela não era uma prática do Instituto. Depois das explicações devidas, me exortou novamente a não interferir na dinâmica interna da instituição, pois eu não sabia com quem estava me metendo. Eu tinha mais medo daqueles funcionários que atuavam no submundo, intuía, do que dos alunos que me pareciam claramente deserdados de qualquer perspectiva de uma vida digna.

Na semana seguinte, reuni o grupo de alunos com o qual eu trabalhava, sem a presença do aluno punido, que estava “recolhido ao seu alojamento”. Era um eufemismo para o fato de estar preso e sem contato com os colegas. Os alunos me informaram, então, que aquela era uma prática comum ali, que eles poderiam apanhar por qualquer motivo, e que aquele aluno, em especial, apanhava com frequência, pois era insubordinado e questionava os desmandos dos funcionários. Fiquei sem saber como agir. Não sabia se denunciava, se voltava ao diretor, como protegeria os meninos. Conversei com o meu colega de universidade que, para meu desagrado, dizia que não deveríamos nos meter naquela rotina, mas tratar apenas dos esportes. Em casa ouvi o mesmo tipo de conselho, até porque se aqueles alunos estavam retidos, era porque tinham alguma culpa... Segui o meu trabalho, então, tentando oferecer aos alunos atividades corporais que fossem além do esporte. Adotei atividades recreativas, de respiração e até mesmo massagens, na expectativa de que aquilo representasse para eles um caminho de autoconhecimento e de solidariedade com os colegas. Eles amavam jogar futebol, e inicialmente reagiram aos meus intentos mais com indiferença do que com agressividade. Vali-me então, daquele aluno mais velho que tinha uma grande

influência sobre os demais, e com quem eu me relacionava muito bem. Com muito diálogo conseguimos, gradativamente, adotar uma variedade de práticas corporais, sem comprometer a prática do futebol. O que retenho daquela experiência, que chegou a ser elogiada pela assistente social da instituição, é a explosão de alegria, um tipo de libertação e congratamento que tomou conta daqueles alunos. A tal ponto que a atividade, que era de livre opção dos internos, passou a contar com muitos outros meninos, inclusive os que não jogavam ou gostavam do futebol. Eram tempos de antiginástica, bioenergética, *Do-in*, somaterapia e outras práticas absolutamente ignoradas no curso de graduação, mas com as quais eu tomara contato frequentando livrarias e as reuniões do movimento ecológico, do qual eu participava. Elas representavam para mim uma alternativa ao mundo esportivizado, e aquele Instituto foi, sem dúvida, um imprevisto laboratório para coisas que eu desenvolveria mais tarde, a partir da noção de corporalidade.

Certamente o curso de graduação em Educação Física muito contribuiu para que eu continuasse pensando o corpo em sua ambivalência, e não como tábua de salvação para uma vida danificada. Ao contrário, a vida danificada se mostrava na sua inteireza na mazela daquelas crianças e adolescentes que ajudaram a formar o meu jeito de ser professor. Jeito um tanto empírico, intuitivo, que reconhecia toda a experiência histórica como eminentemente corporal, muito além de atividades motoras ou esportivas, e de todos os rótulos das mil e uma concepções pedagógicas que conhecemos a partir dos anos 1980. Contra o corpo-máquina do discurso hegemônico, aprendi naquelas experiências inesperadas que o corpo é a nossa porta de acesso para o mundo, ou a sua negação. Aquela experiência me despertou um desejo profundo de pensar o lugar do corpo no processo de formação, algo que procuro fazer ainda hoje.

Recebido: 30 julho 2019

Aprovado: 24 agosto 2019

Endereço eletrônico:

Marcus Taborda

marcustaborda@pq.cnpq.br